



UMA PRIMAVERA EM BUENOS AIRES: relatando nossa experiência¹

Rosemberg Ferracini²
rosemberggeo@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar as atividades desenvolvidas durante o estágio de quatro meses na Universidade de Buenos Aires - UBA no ano de 2009. Esse fato foi possível devido a uma seleção no programa de bolsa de estudos da Universidade da América do Sul e Caribe. Nosso programa de trabalho seguiu a orientação da professora Dra. Perla Zusman. Entre o conjunto de atividades participamos de reuniões no grupo de estudo da história do pensamento geográfico, de metodologia de pesquisa em educação, do continente africano, como de eventos científicos e das aulas de Geografia. O estágio em Buenos Aires nos ajudou articular a reflexão a respeito do livro escolar e da África como possibilidade de aprofundar a comunicação no eixo Sul-Sul, pois acreditamos estar contribuindo para uma nova visão de mundo que traz cooperações entre as universidades envolvidas.

Palavras-chave

Brasil; Argentina; Ensino

A PRIMAVERA EN BUENOS AIRES: informe de nuestra experiencia

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar las actividades desarrolladas durante la etapa de cuatro meses em Buenos Aires em 2009. Esto fue posible debido a um processo de selección para el programa de becas para las universidades de Sud de América y el Caribe. Nuestro escenario se llevó a cabo bajo la dirección del Professor Phd, Perla Zuzmán de la Universidad de Buenos Aires-UBA. Para ella, hemos seguido um programa de estudio basado em la literatura previamente construída em Brasil. Entre el conjunto de trabajo ha sido el curso de castellano, la participación em las reuniones del grupos de estudio en la historia de pensamiento de la geografía, la educación y la metodología de la investigación y publicación de eventos científicos de nuestras reflexiones.

¹ Estágio financiado pela Red Macro, desenvolvido durante os meses de setembro a dezembro 2009. Depois de um inverno comumente rigoroso, no dia 21 de setembro os argentinos comemoram o Dia da Primavera ou "Día de la Primavera", momento celebrado como o início da primavera, conhecido como o dia do jovem ou estudante. As pessoas reúnem-se nos parques por toda a cidade, com os dizeres "Bem-vinda primavera".

² Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); Membro do Laboratório de Ciências Humanas - Faculdade de Educação (FE/USP); Professor Substituto de Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Experimental de Ourinhos. Rua: Guará, nº 81, apt 36. Pompéia. São Paulo (SP). CEP 05025-020

Palabras Clave

Brasil; Argentina; Enseñanza

**A SPRING IN BUENOS AIRES:
our experience reporting**

Abstract

The objective of this paper is to present the activities developed in a stage during four months in 2009, in Buenos Aires. It was possible owing a selection process by Programa Red Macro para Universidades de América Latina y Caribe. This stage took place under the supervision by Ph.D. Perla Zuscman, from Buenos Aires University – UBA, with a schedule based on studies previously built in Brazil. The set of work has been with a Spanish language course, with a participation in study group meetings regarding geographical thinking history, with teaching and methodology search, with a presentation and publication of our reflections in scientific events. We believe that the following report may contribute to new dialogues and to manage new ways.

Keywords

Brazil, Argentina; Learning

A vida

Buenos Aires, agosto: Este texto relata vivência de trabalho e pesquisa que tivemos nessa cidade, oportunidade que me foi dada depois de participar e ser aprovado no processo seletivo para concorrer a bolsas de estudos em algum país da América Latina. Como pós-graduando da Universidade de São Paulo, fomos reforçar a pesquisa que vinha desenvolvendo a respeito da presença da África nos livros didáticos de Geografia “África do Brasil³”, chamados de livros de textos pelos argentinos. A preferência por estagiar na Argentina se deu por algumas características, sendo que uma delas, e talvez a mais segura, foi o fato de que estar fora do nosso território propiciaria reaprender a pensar e a buscar novas metodologias para um plano de pesquisa para o ensino. Tal fato só seria possível em uma universidade estrangeira e reconhecida.

As escolhas feitas para condução do estágio ocorreu em comum acordo entre as partes, digo, entre mim e as tutoras, considerando nossos contatos prévios a partir de cursos, seminários e também de conversas anteriores em terras brasílicas. O conjunto de participação foi intenso, como descreveremos a seguir. O estágio foi dividido em algumas partes, sendo uma delas o plano de trabalho, que teve caráter teórico-prático-acadêmico

³ Nome do projeto de pesquisa de Doutorado registrado na secretaria de Pós-graduação da FFLCH-USP 2008-2012, financiado pelo CNPq.

ocorreu no prédio da Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade de Buenos Aires, localizado na rua Puan nº 480, no bairro de Caballito. Outra atividade planejada e proposta em conjunto foi a inscrição no curso de espanhol. Essa escolha se deu por alguns fatores: melhorar nosso “acento castelhano”, aprender a andar pela cidade, tarefa de todo geógrafo que se preze, e conhecer a lógica de vida dos bons ares portenhos que também era preciso. O curso de língua acontecia entre as oito da manhã e uma da tarde.

Entre as demais atividades, estavam as leituras, as reuniões e as discussões conceituais junto ao grupo de estudo de história do pensamento geográfico sob a coordenação da professora Perla Zusman. Nesse grupo, buscamos a aproximação de textos e reflexões que me ajudassem em novas interpretações da nossa tese de doutoramento. Outra atividade consistiu em participar de demais atividades presentes na universidade, como aulas no curso de Geografia, onde entramos em contato com os seguintes tópicos: a contemporaneidade, construção e difusão do conhecimento, as matrizes geográficas e suas escolas teórico-metodológicas, o debate sobre as categorias e conceitos e os procedimentos a respeito da inserção do recorte no continente africano no ensino médio.

Andamento

No cronograma de trabalho, estreitamos contatos diretos com as pesquisas recentes desenvolvidas na Geografia sobre o continente africano, principalmente àquelas fundamentadas na perspectiva Pós-Colonial. Participamos do lançamento da obra *Una Mirada catalana a l'Àfrica. Viatgers i viatgeres dels segles XIX i XX (1859-1936)*, de autoria de Perla Zusman em conjunto com demais professores⁴. O livro é constituído por narrativas de viajantes, descrições de perspectivas de gêneros, análise de discursos hegemônicos, debates sobre os processos coloniais e pós-coloniais. Nele, os autores estão comprometidos em analisar geograficamente alguns aspectos, entre esses as práticas coloniais na África. Nesse intento, acredito que é preciso pensar no contraponto entre consciência ocidental e práticas europeias existentes. Fato é que algumas dessas propostas teóricas acontecem desde a publicação de obras como *Discurso do Colonialismo* (1955), de Aimé Césaire, que discute como combater as ideologias

⁴ Ver *Una Mirada catalana a l'Àfrica. Viatgers i viatgeres dels segles XIX i XX (1859-1936)*, M.D.Garcia Ramon, Joan Nogué i Perla Zusman. Pagès editors, Lleida, 2008, 377 p.

coloniais que criaram narrativas de superioridade branca europeia e inferioridade negra africana. Outro exemplo é a publicação de *Os Condenados da Terra* (1961), do antilhano Franz Fanon, em que o médico psiquiatra acreditava que a consciência nacional para a libertação das amarras coloniais era uma das saídas para a libertação pós-nacionalista. O autor inspirava ideais de transformação e construção de uma sociedade melhor na Argélia e por toda a África. Essas e demais leituras fizeram parte de nossas reflexões a respeito do movimento pós-colonial. A vivência da discussão em grupo de tais livros foi extremamente útil no processo de construção de nossas perspectivas de análise, resignificadas a partir das realidades dos livros escolares no Brasil e na Argentina.

No decorrer das atividades, participamos de reuniões com os grupos de pesquisa que vêm trabalhando na desconstrução das representações geográficas via leituras de textos escolares, entre eles *Transformaciones Recientes en el Temario de la Geografía Escolar* da Professora Dra. Maria Victoria Fernández Caso, como também participamos na 5º Jornada de Jovens Investigadores, realizada no Instituto de Investigación Gino Germani⁵, onde apresentamos em uma mesa sobre ensino uma comunicação referente à pesquisa em curso. Convivemos com outros grupos de pesquisa que trabalham especificamente com as relações entre África e a América e que procuram, por um lado, construir e visibilizar aquelas populações apagadas da história dos países latino-americanos e, por outro, elaborar representações que sejam fornecidas das realidades atuais dos países do continente africano. Foi primordial o contato com a pesquisadora e professora Dra. Marisa Pineau, do Programa de Estudos Africanos, Universidade Nacional de Córdoba e *Centro de Estudios Avanzados* que me apresentou a alguns grupos de trabalho, entre os quais "*Historia del Atlántico Sur: intercambio de hombres, productos e ideas no Museo Etnográfico da Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires*".

Frequentamos também dois laboratórios de estudos e discussão sobre os diversos fatores na África, bem como outros projetos desenvolvidos, como consta nos endereços eletrônicos abaixo:

<http://museoetnografico.filo.uba.ar/portalMuseo.html>

<http://www.cea.unc.edu.ar>

⁵ Instituto de Pesquisa que agrupa professores de diferentes áreas da Faculdade de Ciências Sociais e pesquisadores do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica (Conicet). É um espaço de articulação entre a prática docente e a ligação com a pesquisa na Argentina. Para mais informações: www.iigg.fsoc.uba.ar

É importante registrar que esses laboratórios são espaços abertos de pesquisas e reflexão sobre temas históricos, políticos, econômicos e sociais, assim como sobre seus processos de integração inter-regional e de sua relação com o resto do mundo. Esses espaços são direcionados a estudantes, docentes, pesquisadores e a todos os interessados nos estudos africanos. Evidentemente, são espaços de discussões abertos aos profissionais de Geografia que se interessam pelo tema do continente africano. Entre conversas, sugestões e contatos, a professora Marisa Pineau nos presenteou com os convites aos professores Dr. Sergio Galiana e Dra. Luciana Contarino Sparta, ambos da UBA que ministraram aulas a respeito do processo de descolonização do Congo, Angola, Zaire e Zâmbia, apoiados por seu grupo de estudos composto pelos alunos da pós-graduação Celina Flores, Natalia Bassi, Laura Efron e Fernando Raimondo.

Outra atividade, também a convite do grupo de pesquisadores, foi a possibilidade de participar do Seminário Internacional da Cátedra UNESCO de Turismo Cultural Untref/ AAMNBA, *“La Ruta del Esclavo en el Río de la Plata: aportes para el diálogo intercultural”*, entre os dias 26 a 29 de outubro. Um evento acadêmico aprovado pela UNESCO desde 1993, com a presença do Brasil, Haiti, Angola e de vários países africanos. O Seminário teve como objetivo levantar o debate e a reflexão a respeito dos fenômenos históricos mais dolorosos e trágicos da Humanidade e seus reflexos nas diversas regiões do mundo. As discussões foram concebidas a partir de quatro apresentações gerais realizadas em cinco mesas redondas, a cargo de especialistas de África, América Latina e Caribe. Nas conferências foram abordados diferentes temas, desde o vínculo do seminário enquanto projeto internacional até o diálogo com a África e América Latina.

Os demais dias do evento trataram da documentação e do acervo de época, entre eles as causas e consequências do tráfico de escravos, as visões das sociedades africanas e europeias, as ideologias geográficas dos tratados e acordos da sobrevivência escrava e os diferentes processos abolicionistas nas províncias sulistas. Em se tratando de um evento de História, direcionamos nossas análises para uma leitura e interpretação das comunicações “via ensino e metodologia” e na “história do pensamento geográfico”. Dirigimos esforços para compreender as modalidades em que a Geografia pode captar os diferentes discursos sobre as concepções das relações sociedade-espaço que compunham o tráfico de escravos, as representações dos europeus acerca das populações e a relação de lucro presente no escravismo, e também a presença africana no Rio da Prata e os traços políticos e culturais da África. No conjunto, discorreu-se sobre

as representações e as dimensões espaciais da vida cotidiana dos escravos, os testemunhos históricos do escravismo, o tema da diáspora africana e o seu patrimônio cultural inestimável através da música, literatura, religiosidade, tradições orais e os sítios de memória. Quatro dias de intensas atividades, reflexões e debates sobre as políticas territoriais em torno da população africana e o espaço produzido na formação histórica platina. Um leque de possibilidades a ser explorado pelos geógrafos latino-americanos.

A pesquisa

Nesse conjunto de trabalho de pesquisa, nossa meta era conhecer os temas de reflexão sobre o livro didático de Geografia, a construção do espaço geográfico, a linguagem simbólica nele inserida e uso de sua linguagem cartográfica⁶. Para tanto, buscamos maiores informações a respeito dos procedimentos metodológicos trabalhando com o uso de diferentes fontes dos recursos educacionais a respeito da presença da África nos livros escolares. Registramos que escrever sobre os livros escolares é falar de um mundo diverso e delicado para se definir. Sobre isso, Ossenbach e Somoza (2001, p. 37) escrevem que existe uma “ambiguidade terminológica” a respeito de sua denominação, que varia entre os seguintes termos: livros escolares, livros de textos, textos escolares, manuais, manuais escolares, livros didáticos, textos, livros para crianças, entre outros que fazem parte de distintos períodos históricos, países e sistema políticos. A respeito dessa discussão também existe o estudo de Stray (1991, p. 1, *apud*; Johnsen, 1996, p. 26). Os autores citados registraram que “a distinção entre livros didáticos e escolares é um processo histórico na história das palavras”. Para Stray, o termo *textbook* é muito mais antigo e se refere ao texto habitualmente latino ou grego; o termo “livro escolar” (*schoolbook*) aparece pela primeira vez em inglês na década de 1750 e o termo livro “didático” (*textbook*) só aparece em inglês na década de 1830. Como visto, são diversos os debates a respeito dessa terminologia, isso porque em cada momento histórico existiu uma terminação para esse material.

Aliado ao seminário anterior da UNESCO, nosso interesse de pesquisa era saber o processo pelo qual “aprendemos” a “olhar” para a África por meio dos compêndios, via seus conteúdos escolares e suas imagens. No decorrer das leituras e discussões, tomei

⁶ Ver o texto de LOIS, Carla, “América quarta pars: isla o continente? El debate conceptual sobre el estatus geográfico del Nuevo Mundo en el siglo XVI”, *Fronteras de la Historia*, n° 13, v. 2, 2008.

conhecimento que esses manuais são vistos, em muitos casos, como “os donos do saber”. A categorização “senhores do conhecimento” é uma provocação nossa, já que em muitos casos o compêndio escolar é o segundo livro mais importante nas casas dos brasileiros, atrás da Bíblia Sagrada. Não somente no Brasil e Argentina, como em todo o mundo, o livro escolar possui forte peso nas culturas escolares, com uma autoridade inquestionável e irrefutável para alunos, professores e pais. Da mesma forma, de acordo com Choppin (2002, pp. 552-553), “os livros escolares assumem múltiplas funções”, que podem ser ideológicas e culturais, pois é um instrumento que exerce de maneira explícita e rígida diferentes formas e modelos na educação, seja no modelo formal das escolas, seja no modelo informal em cursos à distância.

A respeito das concepções presentes nos livros de textos, Chartier (1991) escreve que eles passam pela “luta das representações”, ou seja, por interesses diversos sobre como e por quê determinados conceitos e temas devem ser ou não abordados no livro escolar. A categorização “luta das representações” foi importante para a nossa reflexão, pois, segundo Chartier (1991, p. 183), essa é “uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma”.

Considerando que a nossa meta era investigar sobre a presença do continente africano no livro didático, tenho indícios de que a maneira como ela se dá fez e faz parte de um jogo de interesses políticos e culturais. E que o fato de representar e ser representado esteve e está envolvido em uma batalha de força e poder no território da Geografia escolar e de outras disciplinas. Isso porque nos livros escolares estão as contradições políticas, os interesses econômicos, as classificações, categorizações culturais, as formas e modelos escolares que fazem parte das “luta das representações” de diversos grupos sociais, o que envolve negociações, embates, estratégia e confrontos a respeito do conteúdo específico da disciplina escolar Geografia, especialmente a África.

Ao buscar as representações textuais e iconográficas nos livros escolares tivemos acesso a um conjunto de pesquisas. Foram entrevistados especialistas em estudos visuais, pesquisadoras de produção cartográfica da mesma Universidade e pesquisas de imagens

em livros didáticos de Dra. Verônica Hollman⁷ e Gladys Lechini⁸, da Clacso Argentina. Outra fonte de consulta, cópias no levantamento no acervo a que adquirimos acesso foram os da Biblioteca Nacional, Biblioteca do Congresso, Arquivo Histórico Nacional, Biblioteca Tornquist e a Biblioteca do Instituto de Geografia Romualdo Ardissonne da Faculdade de Filosofia e Letras-UBA.

No desenvolver do trabalho, outro aspecto importante a ser salientado é a tese de Castellar (1996). Ela escreve que, para a construção da noção de espaço e sua representação cartográfica com crianças, jovens e adolescentes nas séries iniciais, são necessários diversos exercícios pedagógicos para alcançar o resultado esperado. A presença das iconografias nos livros também é algo a ser considerado no texto, conforme a análise conduzida por Barthes (1990, p. 33). Esse autor argumenta sobre a existência de “um valor repressivo em relação à liberdade dos significados da imagem; compreende-se que seja ao nível do texto que se dê o investimento da moral e da ideologia de uma sociedade”, o que nos demonstra que nos livros escolares existem uma organização e um direcionamento político da visão dos seus respectivos autores. Assim, o conjunto texto-imagem delinea, para Barthes, os passos e a transmissão das ideias de quem escreveu o livro, assim como os direcionamentos que este deseja chegar. Dessa forma, é preciso considerar que o conjunto de informações textual como a iconografia, a legenda e o título fazem parte de um segmento maior, que é o livro escolar. As representações visuais contidas nos manuais, como as palavras, fazem parte do processo de ensino-aprendizagem na Geografia escolar, na forma de construir novos significados a respeito do mundo. Em exercício dessas reflexões publicamos um texto posteriormente, Ferracini (2010), a respeito da concepção da África nos livros escolares com dois mapas que tratam desse continente como extensão da Europa. Os mesmos demonstram o princípio da territorialidade via controle territorial em forma de domínios e colônias de exploração por parte da França e Inglaterra. As colonizações na África foram tratadas nos textos e nas imagens dos livros didáticos como conteúdos escolares naturais, sem interpretações ou problematizações. O que demonstra resultado de uma postura prática, descritiva fazendo

⁷ Ver HOLLMAN, Verónica Carolina. La globalización en la geografía escolar: continuidades y rupturas en la construcción geográfica de un contenido. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, vol. XIII, nº 803, 25 de noviembre de 2008. <http://www.ub.es/geocrit/b3w-803.htm> [ISSN 1138-9796].

⁸ Autora do livro *Argentina y África en el espejo de Brasil? Políticas por impulsos o construcción de una política exterior?* Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales–Clacso, 2006, 288 p. Sua obra analisa a política exterior argentina com os estados africanos, tendo como referência teórica instrumental o Brasil. Em um dos seus apontamentos (p. 189), a autora demonstra como o Brasil se estruturou em uma política com os estados africanos de ações concretas que lhe possibilitaram, ao longo dos anos, a construção de uma engenharia político-diplomática e a consolidação de contratos comerciais.

parte das análises positivas e funcionalistas; uma abordagem que pode ser considerada como sintética e classificatória, conformada com a realidade. Concluímos que as concepções do período analisado mantinham as bases do conhecimento acadêmico presente, por exemplo, nas páginas da Sociedade de Geografia de Lisboa com influências das Sociedades londrina e parisiense. Esses órgãos divulgavam uma ciência de caráter enciclopédico, descritivo e enumerativo de uma África vazia e de povos inferiores.

Finalizando

Nossa estadia em Buenos Aires proporcionou diversas e ricas experiências no plano do ensino e aprendizagem. Buscamos apreender um pouco do conjunto do currículo de Geografia da Universidade de Buenos Aires e, sendo assim, sua proposta interdisciplinar em diálogo com as ciências humanas fizeram parte das nossas atividades. Do mesmo modo, entender os processos construtivos a respeito do tema da África nos livros didáticos através de aulas teóricas, discussões em grupo, seminários, pesquisa bibliográfica e de campo. Enfim, aqui tratamos de discussões teóricas e ensaísticas que podem ser agrupadas em dois conjuntos de propostas: uma articular a reflexão a respeito do livro escolar e da África e outra da possibilidade de aprofundar a comunicação no eixo Sul-Sul, pois acredito estar contribuindo para uma nova visão de mundo que traz articulações, cooperação entre as universidades, no fortalecimento dos grupos de investigadores envolvidos com a difusão do conhecimento. Munidos do conjunto de materiais e atividades desenvolvidas, temos como projeto futuro, juntamente com a professora Dra. Verônica Hollman fazer uma análise comparativa das representações textuais e iconográficas do continente africano nos livros escolares da Argentina e do Brasil, quiça estreitar maior os laços entre as nossas universidades, Oxalá que sim.

Referências

BARTHES, R. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 175 p.

CASTELLAR, S.M.V. **Noção de espaço e representação cartográfica:** ensino de geografia nas séries iniciais. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996, 327 p.

Ferracini, R.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991, 173-191 pp. 295-334 pp.

CHOPPIN, A. Paedagogica Histórica. v. 38, nº 1, 2002, p. 21-49. Trad. Maria Adriana C. Cappello. "História dos livros didáticos e das edições didáticas". In: **Revista Educação e Pesquisa**, v. 30, nº 3, set/dez.2004, 549-566 pp.

FERRACINI, R. A África nos livros didáticos de geografia de 1890 a 2004. In: **Revista Geografia e Pesquisa**, Unesp, Ourinhos, v. 4, n. 2, p. 69-92, 2010.

HOLMAN, V. Cartografía de las representaciones de la Globalización en textos de Geografía de enseñanza media. In: **Revista de Teoría y Didáctica de las Ciencias Sociales**, enero-diciembre, nº 10. Universidad de Los Andes. Mérida Venezuela, pp. 7-33.

JOHNSEN, E.B. **Libros de texto el calidoscopio**. Estudio crítico de la literatura y la investigación sobre textos escolares. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, 1996, 350 p.

OSSENBACH, G.; SOMOZA, M. (Eds.) **Los Manuales Escolares como fuente para la Historia de la Educación em América Latina**. 1. ed. Madrid: Lerko Print, 2001.

Recebido em 06 de fevereiro de 2012.

Aceito para publicação em 10 de abril de 2012.